



Falta diálogo, sobra preocupação

Águas do Rio é a nova concessionária responsável pela distribuição de água tratada na Maré, mas ausência de comunicação sobre chegada de hidrômetros e cobranças gera angústia entre moradores. **PÁGINAS 6 E 7**

Em processo de transição de gênero, o distribuidor Joee conta como o trabalho no Maré de Notícias impactou sua vida nos últimos anos.

PÁGINA 3

Famílias e amigos fazem rifas e “vaquinhas” para que os jovens atletas da Maré não interrompam a carreira e a realização de sonhos.

PÁGINA 11

Eleições 2022: com mais de 70% da população conectada, ferramentas digitais de socialização ganharam, no cenário eleitoral, importância ainda pouco mensurada.

PÁGINAS 14 E 15

Saúde sênior

Especialistas apontam que para viver bem na terceira idade é preciso apostar em atividades físicas, lazer e diversão, mas nem sempre é fácil achar espaços que acolham quem envelhece.

PÁGINAS 4 E 5



MATHEUS AFFONSO

MAYARA DONARIA



Potência e vida

Anielle Franco, irmã da vereadora assassinada, assina artigo que aborda a importância do Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha; texto destaca ainda data do aniversário de Marielle.

PÁGINA 10

EDITORIAL

Um dos temas mais frequentes nas páginas do Maré de Notícias, seja a versão impressa ou a online, é o saneamento básico. Nessa discussão sobre a garantia de direitos para o desenvolvimento socioeconômico está o acesso à água. Em 2010, a Organização das Nações Unidas (ONU) reconheceu o acesso à água limpa e segura como um direito humano essencial. As concessionárias vendem o tratamento dessa água à população, mas, muitas vezes, a única forma de comunicação com estas empresas acontece pelo recurso que não falha em chegar para todos: os boletos.

Colocamo-nos à disposição para acompanhar e buscar informações que possam sanar dúvidas dos mais de 140 mil mareenses sobre a instalação de hidrômetros e consequente cobrança do serviço. Ainda vivemos uma pandemia - em outro momento por conta dos avanços da vacinação no país - e ter água limpa para o simples ato de lavar as mãos não deve ser considerado um privilégio.

Ajudar cada morador a exercer sua cidadania, desfrutar de direitos e explorar sua potencialidade, não importa a idade: esse é um dos principais objetivos das matérias do Maré de Notícias. Nesta edição, o repórter Hélio Euclides aborda as atividades para a terceira idade nos territórios (páginas 4 e 5) e, com a repórter Letícia Moser, as creches parceiras da Prefeitura (páginas 12 e 13).

Reconhecer, respeitar, valorizar. A cada edição que criamos somos guiados pela busca por conversar cada vez mais abertamente com os nossos leitores. E é importante dizer que estamos acompanhando, atentos, às contínuas violações no que diz respeito às operações policiais que, insistentemente, desrespeitam até mesmo as decisões judiciais. Não há segurança pública quando uma parte da população é literalmente sacrificada para que se fabrique a tranquilidade de outros. No site e nas redes sociais do Maré de Notícias é possível acompanhar notícias sobre as últimas operações e os movimentos de garantia de direitos nesse contexto.

Nosso desejo é que você receba a edição do mês de julho com muita saúde. E sempre queremos conversar com você, esse canal é seu. Pode nos chamar no WhatsApp: (21) 97271-9410 e compartilhar sua sugestão, reclamação ou elogio.

CHARGE - NANDO MOTTA



ALÔ MORADOR! ESTE ESPAÇO É SEU. ENVIE SUA POESIA, FOTO, RECEITA OU PIADA.

☎ (21) 97271-9410

maredenoticias@gmail.com

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da
mare

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.mareonline.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Jéssica Pires

EDITORA

Tamyres Matos
(Mtb 32434/RJ)

COORDENADORES DE
DISTRIBUIÇÃO:

João Lins e Silva

Lenny Aquino

Lucas Frederico Brandão

Thuany Vieira Nascimento

DISTRIBUIDORES:

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Larissa Oliveira

Pedro de Oliveira

Thuany Vieira Nascimento

Vagner Moreira Pires

Valdemir Gomes da Cunha

Júnior

COLABORARAM NESTA
EDIÇÃO

Dani Moura
(Mtb 24422/RJ)

Data_labe

FOTOGRAFIA

Arthur Viana
Gabi Lino
Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
REPRESENTAM A OPINIÃO
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
A FONTE.

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!



@maredenoticiasoficial



@maredenoticias



@MareNoticias



(21) 97271-9410



contato@maredenoticias.com.br



www.mareonline.com.br

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Meu nome é Jooe

Em processo de transição de gênero, distribuidor conta como o trabalho no Maré de Notícias impactou sua vida nos últimos anos

DANIELE MOURA

Joee nasceu Antonia Valéria Lins e Silva há 27 anos. Aos 15, saiu da cidade de Ipu, no noroeste do Ceará, rumo à Maré. Na época, parte da família morava na Nova Holanda, o que inspirou a sua avó a vir também atrás de uma vida melhor. “Meu avô havia sido assassinado e ela resolveu vir para Maré para ficar junto das filhas e dos netos que já estavam por aqui”, conta.

O distribuidor e seus irmãos (Micaela, 25 anos, e Francisco, de 21) estudaram na Maré, e ele só não terminou o Ensino Médio porque teve que trabalhar. “Comecei como atendente numa sorveteria no Flamengo, depois fui para uma padaria na Ilha do Governador, depois para um restaurante na Rua São Clemente, em Botafogo, até chegar no Bar do Naldo, no Parque União, onde estou até hoje”, relata, com orgulho.

Joee passou a integrar a equipe de distribuição do jornal em 2018. Foi um dos primeiros a entrar, indicado por uma prima que não pôde aceitar o trabalho. “Tinha uma cabeça fechada de cidade pequena, e, escutando as pessoas, fui melhorando. Gosto muito de trabalhar aqui, aprendi a me comunicar com os moradores, sabendo como é a vida das pessoas, muitos desabafam e a gente vai aprendendo sobre cada um”, afirma o entregador.

Nesses quase quatro anos batendo de casa em casa durante a distribuição mensal, Joee mudou conceitos que tinha sobre o lugar onde vive. “Aprendi a amar a

Maré através do Maré de Notícias. O jornal me ensinou a dizer que sou mareense. Agora, me assumo cria daqui. Eu tinha medo de falar que era da Maré, dizia que era de Bonsucesso. Com o jornal, aprendi a ter orgulho de ser da Maré e falo isso pra todo mundo. E ainda consigo explicar o lado bom da Maré. A minha esposa é da pista e ela achava que a Maré era ruim de morar. Hoje eu consegui que ela viesse morar aqui e ela ama a Maré, não pretende sair daqui e ainda quer trazer a filha pra morar com a gente”, diz.

O jornal provocou outras mudanças. “Meu pai sempre comprou coisas de menino, porque eu sempre quis ser um. Com 16 anos eu me assumi: saí de casa menina e voltei menino. Todo mundo levou um susto. Passou um tempo pra minha família me aceitar; depois eles se divertiam com as minhas namoradas.”

Joee diz que pretende “fazer a transição, tirar os seios, mudar oficialmente meu nome. O pessoal do Espaço Normal está me ajudando com isso. São muitas conversas sobre a questão da transição, de sofrer muito preconceito, mas eu não tenho medo porque já sofri muito até aqui, me sinto pronto pra mudar, os moradores me respeitam. Preciso me sentir bem comigo mesmo, estar feliz com o que eu sou. Eu tinha medo de me assumir como garoto, mas cada vez que lia sobre o assunto me sentia mais forte. Pelo trabalho com o jornal fui respeitado e,



Joee diz que sua visão do território mudou quando ele entrou para o jornal

por isso, não tenho medo de ser quem eu sou”.

Mesmo com tantas mudanças, ele acredita que a convivência com a equipe é cada dia melhor. “Consigo ouvir e sou ouvido, todos me procuram bastante, sempre debatemos como podemos melhorar na atuação com o jornal e no desenvolvimento territorial e, mesmo nas horas vagas, a gente discute como fazer a rotina do trabalho ficar melhor”, conta.

Candomblecista há mais de oito anos, Joee conheceu a religião por meio do Zé Pelintra (entidade do malandro do morro) e é muito grato por isso: “Eu ia me afundar ou morrer. A religião e o jornal ajudaram a me tirar das drogas — em vez de usar, ia distribuir o jornal. Sonho em ter minha casa, mas o meu maior objetivo é crescer, ter um futuro na Redes — que, pra mim, é um mundo. Gosto de me aprofundar, de conhecer mais. Sou caça-tesouro: quanto mais fundo, mais eu quero ir.”

Velhice não é doença

Idosos mostram que envelhecer não é motivo para deixar de viver

HÉLIO EUCLIDES E LETÍCIA MOSER

No fim de 2021, a Organização Mundial de Saúde (OMS) desistiu de classificar a velhice como doença. O órgão recuou por conta da pressão de organizações científicas e da sociedade civil, que apresentaram o argumento óbvio: velhice não é doença. Especialistas apontam que esta fase não é diferente das outras: para vivê-la bem é preciso apostar em atividades físicas, cursos, lazer e diversão. Mas nem sempre é fácil achar espaços que acolham quem envelhece, mas continua muito vivo.

A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro criou o Programa Academia Carioca, sob responsabilidade do Núcleo de Apoio à Saúde da Família (Nasf). Uma ação desse grupo acontece na Clínica da Família Ministro Adib Jatene, na Vila dos Pinheiros. Criado há seis anos por **Leonardo Borges**, profissional de educação física do programa, o Grupo Artes Saúde Senhoras da Maré reúne 14 pessoas que mostram jovialidade nas criações manuais.

Elas fazem gorros, brincos, mamas de alpiste (um tipo de prótese caseira para mulheres que retiraram os seios), pulseiras, fuxicos e máscaras de dormir — tudo é destinado a pacientes internados no Instituto Nacional de Câncer (Inca) e no Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe), entre outros centros médicos.

MATHEUS AFFONSO



Projeto *Vida Ativa* tem dois núcleos no conjunto de favelas da Maré: um na Vila do Pinheiro e outro na Vila do João

A mascote do grupo é **Iranice Guedes**, de 56 anos: “Me aposentei e comecei a trabalhar aqui com o grupo. Posso dizer que isso foi o melhor para minha vida.” Outra que elogia a atividade na terceira idade é **Creusa Ricardo da Silva**, de 81 anos. “Antes só ficava em frente à televisão, comendo e engordando. Mudei de vida quando comecei a frequentar atividades como esta e outras direcionadas para a gente”, diz a aposentada.

Outro local com atividades do Programa Academia Carioca é Marcílio Dias. **Bruno de Moraes** é o profissional de educação física responsável pelas atividades. Médicos do Centro Municipal de Saúde João Cândido são parceiros do projeto, e orientam a prática ideal de exercícios para hipertensos, diabéticos, quem

tem problemas na coluna e joelho, e quadros de ansiedade e depressão.

As atividades ajudam a controlar o nível de colesterol, aumentar a autoestima e cuidar do bem-estar geral trabalhando não só o corpo, como também a mente. “Ainda realizamos atividade de auriculoterapia (uma prática da medicina tradicional chinesa), que usa sementes de mostarda aderidas à orelha. Esse tratamento serve para amenizar dores no corpo e ansiedade”, explica o coordenador.

O importante é não parar

Projeto criado pela Secretaria Municipal do Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida, o *Vida Ativa* atende pessoas a partir dos 40 anos. Na Maré são dois núcleos: um na Vila do Pinheiro e outro na Vila do João. O projeto

oferta atividades físicas, profiláticas, sociais, culturais, educativas e integrativas, e busca a melhoria e a manutenção da independência funcional dos seus participantes, bem como o aumento da sua capacidade cognitiva e o incremento das relações sociais. Cada núcleo é formado por uma equipe de cinco profissionais para atender os 180 inscritos.

Para **Georgina Silva**, de 65 anos, estar em grupo ajuda na formação de amizade e na saúde: “Com a ginástica, diminuíram as dores do corpo e sinto que fez bem para minha mente; me estimulou a caminhar e desfilar em escolas de samba. Na nossa idade é bom não ter excesso de peso.” Segundo ela, o projeto é “mais um motivo para se movimentar e não ficar parada. Sinto que a comunidade precisa de mais espaços como este”.



Projeto vai além das atividades nas quadras e promove passeios em lugares como a Feira de São Cristóvão. Ela só reclama da falta, na Maré, de mais espaços de lazer para a terceira idade, como locais de noite dançante.

O *Vida Ativa* vai além da ginástica: ele promove passeios em lugares como a Feira de São Cristóvão e o AquaRio. “Amo o que faço, pois aprendemos com os integrantes. São três horas que não considero trabalho e sim, uma atividade na qual me divirto com a alegria de quem participa”, diz **Natália Campos**, que integra o *Vida Ativa*.

Já o *Esporte Presente*, do governo do Estado em parceria com a Associação de Moradores do Rubens Vaz, leva ginástica para cerca de 45 alunos. **Flávio Alves** é o professor de educação física do projeto: “Há idosos que não têm atenção, que não têm com quem conversar e brincar. Aqui, além do corpo, estimulamos a questão da memorização. Eles nos procuram com o intuito de diminuir o peso, o que acarreta a queda na taxa de colesterol e da pressão arterial. O resultado final é menos remédios e o aumento da autoestima.”

Mais uma etapa

É importante ressaltar que envelhecimento não é sinônimo de incapacidade e dependência. “Esse é o melhor público para se lidar, que reconhece o trabalho, que chora e ri comigo. Descarregam a emoção e sabem das minhas dificuldades. Lembram de datas especiais como Dia do Professor e o meu aniversá-

rio. Faço este trabalho de coração”, conclui o professor.

A terceira idade é um período de grandes transformações para o indivíduo. Essa transição pode trazer um sentimento de solidão, um aumento no impacto do isolamento na saúde mental. Um grupo de pesquisadores da Universidade de York, na Inglaterra, divulgou um estudo indicando que a solidão e o isolamento social podem aumentar o risco de doenças cardíacas em 29% e o de acidentes vasculares em até 32% — isso tudo decorre do aumento da pressão e dos níveis de colesterol, da diminuição na capacidade cognitiva e do agravamento de quadros depressivos.

A sociedade precisa ter um olhar diferenciado para essa faixa etária da população. Ela aumentou em 4,8 milhões de habitantes desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As mulheres são maioria expressiva, com 16,9 milhões, num total de 56%, enquanto os homens idosos são 44% (13,3 milhões). De acordo com o último Censo Demográfico de 2010, na cidade do Rio de Janeiro 14,9% da população é de pessoas na terceira idade — é segunda capital mais idosa do país.

A Constituição Federal assegura, no Artigo 230, o direito das pessoas que envelhecem: família, sociedade e Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida com qualidade e saúde.

Para isso, é necessário que existam políticas públicas que garantam a qualidade de vida dos idosos, e isso inclui a prevenção de doenças mais recorrentes (e fatais) a partir dos 60 anos. De acordo com o Ministério da Saúde, 25,1% dos idosos são diabéticos, 66,8% têm excesso de peso, 18,7% são obesos e 57,1% sofrem de hipertensão — doenças que são responsáveis por mais de 70% das mortes do país.

ATIVIDADES E LOCAIS

- 📍 **Grupo Artes Saúde Senhoras da Maré** — Terças e quintas, das 14h às 15h30, na Clínica da Família Ministro Adib Jatene, na Avenida Bento Ribeiro Dantas, s/nº, na Vila dos Pinheiros.
- 📍 **Envelhecimento Ativo** — oferece serviços de fisioterapia e reabilitação e funciona de segunda a sexta, de 8h às 17h. Clínica da Família Ministro Adib Jatene, na Avenida Bento Ribeiro Dantas, s/nº, na Vila dos Pinheiros
- 📍 **Vida Ativa** - Segunda a sexta, das 7h às 10h. Quadra da Vila do João: Rua 17, s/nº; Ciclovia do Conjunto Pinheiro: Avenida Bento Ribeiro Dantas; Estrada do Itararé, 320, Complexo do Alemão.
- 📍 **Esporte Presente** – Segundas, quartas e sextas, das 8h às 9h. Quadra de esportes na Rua João Araújo, s/nº, Rubens Vaz.
- 📍 **Vila Olímpica Municipal Seu Amaro** – oferece diversas atividades como alongamento, basquete, caminhada, capoeira, dança da terceira idade, futevôlei, futsal, ginástica, hidroginástica, hidroterapia, jiu-jitsu, karatê, natação, pilates, recreação aquática, treinamento funcional e zumba. Além de atividades para Pessoa Com Deficiência (PCD). Funciona de terça a sexta, das 8h às 16h, na Rua Tancredo Neves, s/n, Nova Maré. Mais informações na secretaria.
- 📍 **Projeto Mais Ellos** – funciona com duas turmas de natação, terças e quintas, das 7h às 8h20, na sede náutica do São Cristóvão, na Avenida Brigadeiro Trompowski, 580, próximo ao Parque União.
- 📍 **Grupo de Atividade Física do Programa Academia Carioca** — oferece atividades físicas e auriculoterapia. Terças e sextas, a partir das 7h. Campo de futebol na Rua Barão de Mauá, em Marcílio Dias.

Água transparente, cobrança nem tanto

Na Maré, moradores e comerciantes temem não ter como pagar tarifas da nova concessionária

EDILANA DAMASCENO

Embora os moradores da Maré tenham sido os primeiros a pensar e agir pelo saneamento dos territórios em que moram, eles sempre participaram pouco das decisões técnicas e políticas tomadas em relação às favelas. Hoje, com a nova concessionária responsável pela distribuição de água e a captação e tratamento do esgoto no Rio de Janeiro, o cenário não é diferente.

Vencedora do leilão do bloco 4 da Companhia Estadual de Águas e Esgotos do Rio de Janeiro (Cedae), o grupo Águas do Rio — Saneamento Ambiental Águas do Brasil (SAAB) passou a ser responsável pelo fornecimento de água e esgotamento sanitário das zonas Norte e Sul e mais do Centro do Rio, além de mais 26 municípios fluminenses. A expectativa da população por melhorias e acertos na garantia do saneamento básico (como definido no contrato de concessão) tem sido impactada pela desinformação e incertezas.

Isso se deve principalmente por conta de uma falha da Cedae: por muito tempo, milhares de moradores não pagaram pelos serviços de abastecimento de água e de coleta e tratamento de esgoto. Por não serem regularizados, muitos também não se sentiram no direito de cobrar por melhorias. Agora, com a chegada da nova empresa, não são poucos



Pouco se sabe, muito se comenta: expectativa de moradores com as ações da nova concessionária aumenta com o passar do tempo

os boatos sobre a cobrança pelo serviço e os valores que ela poderia alcançar com a regularização.

Cada gota vale

Famílias que residem em áreas de interesse social (porções da cidade destinadas às populações de baixa renda) têm direito à tarifa social, segundo o Decreto nº 25.438/1999. Mesmo assim, para muitas famílias da Maré o pouco ainda significa muito. Segundo a Águas do Rio, o valor atual da tarifa social é de R\$ 40,42 referentes aos serviços de esgotamento sanitário e distribuição de 15 mil litros mensais — caso esse limite seja ultrapassado, o valor a pagar aumenta progressivamente.

O problema é que o volume definido para a tarifa social é inferior ao consumo de água da maioria das famílias. Segundo dados do Sistema Nacional de Informações sobre Sane-

amento (SNIS) de 2020, o consumo médio por pessoa no município do Rio é de 166 litros de água por dia, ou cerca de cinco mil litros mensais. Uma família de mais de três pessoas, principalmente no verão, ultrapassaria facilmente essa cota.

Obter o benefício é outro problema. A pesquisadora do Laboratório de Estudos de Águas Urbanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) **Patrícia Finamore** explica que alguns critérios dificultam o acesso ao direito — entre eles, a necessidade de o próprio morador ter que apresentar documentos que comprovem a situação do imóvel onde reside.

“Por que isso não pode ser feito de forma automática? Por que não cadastrar as famílias na tarifa social no momento em que se reconhece o local em que elas residem, ou a situação socioeconômi-

ca delas, de acordo com a inscrição no Cadastro Único?”, questiona a especialista.

Pagar pelo desconto

Para pagar a tarifa social, o morador precisa instalar um hidrômetro, que é o medidor do consumo de água da residência. Com isso, é possível calcular não apenas o volume de água, como também quanto de esgoto produzido será preciso tratar. De acordo com dados do SNIS de 2020, o índice de hidrometração do Rio de Janeiro é de apenas 42,2%, enquanto o do país é de 91,3%, ou seja, não é exclusividade da Maré que muitas moradias não tenham hidrômetro.

Segundo a assessoria da Águas do Rio, os moradores que desejarem a instalação do hidrômetro em sua residência para pagar a tarifa social devem fazer o pedido na loja da concessionária. A medição

do consumo de água de todas as casas ainda não tem data estabelecida; segundo a empresa, ela deve ocorrer por meio do programa de relacionamento comercial *Vem com a gente*, que também prevê a realização de novas ligações de água, reparos e instalação de hidrômetros, entre outros serviços.

Apesar de o processo de hidrometração ainda não ter avançado, em algumas localidades da Maré as faturas já começaram a chegar. Segundo **Francisco Soares**, síndico de apartamentos no Conjunto Esperança, a Águas do Rio está cobrando os R\$ 40,42 por residência. A fatura não será por unidade: diante da impossibilidade de instalar hidrômetros individuais, a empresa vai agrupar a cobrança dos 40 apartamentos do conjunto em uma única conta: “Alguns moradores não conseguem pagar nem o condomínio, imagina pagando água? Vai sobrar pro síndico, né?”

Água no orçamento

O maior problema para os moradores é, na verdade, o valor da fatura, mesmo com a adesão à tarifa social: a cobrança hoje significa um rombo no orçamento das famílias: pagar a conta significa comprar menos comida — o equivalente a, por exemplo, cerca de sete quilos de arroz.

Outro fator preocupante é a cobrança diferenciada para o comércio. A falta de comunicação entre empresa e clientes gerou uma onda de boatos. A informação que circula entre os comerciantes, por exemplo, é que a tarifa para eles poderá chegar a R\$ 150, para desespero de **Jô** (que prefere ser identificada somente pelo apelido), proprietária do Escondidinho da Jô, na Nova Holanda: “Fiquei sabendo por alto o quanto vai ser cobrado. Todo mês tem fatura de água, luz, gás. Já tá tudo muito caro, não tem como”, diz ela.

O quiosque da comerciante fica a menos de 50 metros da loja de atendimento da Águas do Rio na Maré, o que revela uma comunicação ineficiente da empresa com a comunidade no seu entorno: “A gente soube pelo boca a boca, porque não tem comunicação. Se o serviço chegasse direitinho, poderiam reduzir um pouco o valor da cobrança. Querendo ou não, eles estão trabalhando e têm que ganhar pelo trabalho também, não vamos ser injustos”, avalia.

Questionada, a concessionária informou que o valor da tarifa comercial é determinada segundo diferentes critérios para cada categoria de estabelecimento — a empresa não especificou quais nem quantos eles seriam.

Resistência

Até o momento, os moradores do Conjunto Esperança resistem aos aumentos repentinos. Para eles, não faz sentido pagar por uma melhoria que nem sabem se chegará: “Só aceitaremos quando tudo estiver legalizado, com hidrômetros instalados e tudo certo. Eles que-

rem arrecadar para depois consertar; aí, já sabe”, diz o síndico.

Patrícia Finamore afirma que tão importante quanto garantir a tarifa social é incluir as famílias que não têm condições de custear os serviços de água e esgoto no planejamento. O ideal seria assegurar o volume mínimo de água (o essencial para a sobrevivência) já determinado pela Organizações das Nações Unidas (ONU); cortes de água passariam a ser proibidos em determinados casos.

Segundo dados da Secretaria Nacional de Renda e Cidadania (SENARC), 52% das famílias inscritas no Cadastro Único Nacional encontram-se em situação de extrema pobreza, o que mostra que a existência de uma tarifa social não garante que elas tenham o mínimo vital de água para a sua sobrevivência.

“A cobrança abusiva impede essas famílias de terem acesso a outros bens e serviços necessários à própria sobrevivência, ou seja, elas podem deixar de comer para ter água”, explica a pesquisadora.



MARIA RIBEIRO

Proprietária do Escondidinho da Jô, na Nova Holanda, conta que ouviu comentários sobre as altas taxas que podem ser cobradas

CADASTRO NA TARIFA SOCIAL

Loja Águas do Rio na Maré: Rua Teixeira Ribeiro s/n (em frente à ONG Luta pela Paz), das 9h às 16h.

Whatsapp: 0800 195 0 195

Ouvidoria: 0800 195 0 200

E-mail: atende.rj@aguasdoriorio.com.br

Essa reportagem é resultado de parceria do Maré de Notícias com o data_labe e foi produzida pelo CocôZap, um projeto de mapeamento, incidência e participação cidadã sobre saneamento básico nas favelas.

Edição: Elena Wesley.



O olhar da Maré

Cria da Maré e com forte influência do trabalho do saudoso Bira Carvalho, Arthur Viana é um dos nossos retratistas de destaque. Aos 24 anos, o fotógrafo é morador da Nova Holanda e começou a fazer registros de imagem com o celular em 2018. “Meu intuito era não só registrar os moradores e a vida cotidiana no maior conjunto de favelas do Rio, como também me expressar, mesmo que através do outro, reivindicando minha humanidade”, conta o profissional. Para Arthur, essa visão da Maré - para dentro e no fundo dos olhos - é legado de todos os mareenses. Quem quiser conhecer mais o trabalho dele pode buscar seu perfil no Instagram: @artevianaa.





Por um julho em que celebremos nossas mulheres pretas em vida



ANIELLE FRANCO

Anielle Franco é professora, jornalista, escritora, palestrante, ativista, mãe de duas meninas, mestra em Relações Etnicorraciais e doutoranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É colunista da ECOA UOL e diretora-executiva do Instituto Marielle Franco.

Chegamos a mais um julho das pretas, mês em que reconhecemos e celebramos a trajetória, história e força de luta das mulheres negras. Julho também é o mês do Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha, comemorado no dia 25; o dia 27 é aquele em que nasceu Marielle Franco. Neste ano, minha irmã estaria completando 43 anos de vida.

Algumas pessoas que conheciam Marielle costumam dizer que ela era, em si, uma celebração, e não só porque ela adorava festejar — de fato, lembro quando saíamos escondi-

das para o Baile Funk na Maré e deixávamos Dona Marinete de cabelo em pé. Marielle carregava uma energia que contagiava todos à sua volta. Ela fazia da celebração uma luta e da luta, uma celebração. Ela era, em si, encontro — de pessoas, de pautas, de lutas; Marielle juntava diferentes perspectivas e transformava toda a sua construção política em algo único. E uma das coisas que minha irmã mais gostava de fazer era celebrar a vida.

Há quatro anos, assassinaram Marielle e Anderson, um crime brutal que escancarou as fragilidades da democracia brasileira, e para o qual ainda não temos respostas: quem foi o mandante ou tampouco quais foram os motivos. São quatro anos também desde que Mari ficou conhecida em todo o mundo como um símbolo de luta, de resistência e de justiça. Hoje, por meio do Instituto Marielle Franco, atuamos para enfrentar a violência políti-

ca de gênero e raça, para que haja outras Marielles e para que mais nenhuma mulher negra que esteja na política tenha sua trajetória de vida interrompida.

Por isso, um dos pilares do Instituto é o de regar as suas sementes. Somos muitas as sementes que Marielle deixou e precisamos que as nossas existências e perspectivas sejam celebradas em vida. Não vamos tolerar que mais nenhuma de nós tombe, nem devemos esperar para celebrá-las. Que a política da celebração da vida (das nossas vidas) que Marielle nos ensinou possa se tornar nossa prática política, assim como é a ética do bem-viver, construída historicamente pelas mulheres negras e pelas inúmeras populações indígenas e quilombolas.

Para isso, para reconhecer e consolidar nossa memória viva enquanto mulheres negras, precisamos contar nossas próprias histórias, preci-

samos ter reconhecido o lugar de donas das nossas próprias narrativas, precisamos que nossas vozes sejam ouvidas e replicadas em todos os espaços e nas diferentes frentes de atuação.

Quando uma mulher negra age no sentido de solucionar os problemas enfrentados pelo seu grupo, ela atende as demandas causadas pelos problemas mais estruturantes da sociedade brasileira. Nós estamos prontas para liderarmos os projetos políticos para um país mais justo e melhor de se viver porque produzimos respostas e descobrimos saídas para as crises que surgiram ao longo dos últimos séculos.

Como Lélia Gonzalez já disse, são as mulheres negras anônimas que estão fomentando uma revolução cotidiana no tecido da sociedade brasileira. Que possamos reverenciá-las, escutá-las, celebrá-las e fazer com que protagonizem as suas narrativas. E mais: que possamos seguir as respostas que elas criam para o futuro e construir coletivamente um país a partir da sua radical imaginação política.

Por isso, nas eleições de 2022, espero que todas e todos reflitam sobre que Brasil queremos para os próximos quatro anos; que ele seja construído a partir das mãos de mulheres negras. O voto por Marielle é um voto por um país de esperança, trabalho, comida, saúde e fortalecimento da democracia.



ELISÂNGELA LEITE

Contribuição coletiva para novos sonhos

Jovens atletas da Maré batalham, com o apoio de suas famílias, pela continuidade de atividade esportiva por meio da realização de ‘vaquinhas’

EDU CARVALHO

Falta de acesso, estrutura ou oportunidade: esses são alguns dos obstáculos que marcam, nas periferias do país, a vida de crianças e jovens que sonham transformar suas trajetórias através do esporte. Para que eles alcancem sempre o primeiro lugar (na vida ou nas competições), suas famílias se empenham em arrecadar dinheiro para que seus atletas possam competir em torneios aqui e no exterior.

É o caso de **Kauan Barboza**, que iniciou sua história no jiu-jítsu aos sete anos, incentivado pela mãe, **Marcela Barboza**, apesar das adversidades. “A rotina dele é puxada: escola pela manhã, explicadora à tarde, treino de jiu-jítsu de segunda a sábado, além de funcional e natação. Ele é muito esforçado e tem consciência, por isso se dedica ao máximo em cada atividade”, resume a mãe, orgulhosa.

Marcela expressa o pesar por tanta energia gasta por conta da ausência de políticas públicas que ajudem aqueles que representam o país no esporte. “Tudo é pago: a inscrição nos eventos e mais transporte, estadia, alimentação”, diz ela, reiterando que o projeto que Kauan integra é símbolo de resistência no Parque União. Recentemente, para a participação de um campeonato internacional em Abu Dhabi (Emirados Árabes), foi feita uma “vaquinha” para financiar a ida de 31 atletas. Por



fora, Kauan e sua mãe promoveram uma rifa, cujo prêmio era R\$ 300.

Quem partilha da mesma correria é **Priscilla Moreno**, mãe da jovem **Lorraine da Silva**, também uma lutadora de jiu-jítsu desde 2018. “Mesmo morando em favela, ensinei minha filha a batalhar pelos objetivos dela, e que nada a impedisse.”

Lorraine conta: “Sempre senti vontade de treinar, mas ninguém me levava. Depois que visitei o centro de treinamento, me apaixonei pela luta e disse que era aquilo que eu queria fazer. Foi paixão à primeira vista, nunca mais sai.” Além da ajuda da mãe, para o custeio da sua vida de atleta a jovem faz bolos de chocolate para vender e passa rifas com kits de churrascos e cestas.

Para ela, participar de um evento internacional de re-

nome é, além de um grande aprendizado como atleta, amostra de sua própria potência dentro de sua trajetória pessoal. “O jiu-jítsu mudou minha vida nos últimos quatro anos. O projeto social do qual participo é muito rígido: exige respeito aos pais, ajuda em casa... É algo que me mudou bastante”, conta a atleta.

O caminho percorrido por **Lucas Santana** não é diferente: ele começou a lutar aos 11 anos, e já carimbou seu passaporte para representar sua equipe na Califórnia. “Isso só foi possível com a ajuda de amigos e familiares, que fizeram uma ‘vaquinha’ e compraram rifas e doces”, resume **Jacilda Oliveira**, mãe do jovem de recém completados 17 anos. Lucas, que é faixa azul, já dá seus primeiros passos como instrutor, auxiliando o mestre e os professores com as crianças menores de seis anos. “Não consigo mais imaginar minha vida sem isso: me sinto tão bem treinando e competindo. Eu vivo, respiro o jiu-jítsu. Ele já faz parte de mim”, diz o jovem lutador.

Esperança no futuro

“Por muito tempo, o objetivo do esporte era obter melhor rendimento, medalhas etc. No Espaço Tijolinho é diferente. A consequência do trabalho é competir, ganhar medalhas — só que o mais importante é o que fica: o desenvolvimento

pessoal das crianças e dos jovens. Trazemos temas pré-estabelecidos é isso tem retorno na vida pessoal deles. Acredito nessa mudança que o esporte traz”, diz **Shaolin**, coordenador do programa, uma das iniciativas de esporte na Maré.

Para o professor, o peso das contribuições em dinheiro se torna menor frente ao apoio e ânimo dado pelos moradores, amigos e parceiros locais: “Eu vim de uma ONG, o Luta Pela Paz, e criei o Tijolinho há seis anos. Temos 15 voluntários e 246 atendidos. Eu sou a prova viva de que as coisas podem acontecer: tinha o sonho de ser professor, e só porque alguém acreditou em mim, apoiou aquele menino, hoje temos quatro modalidades esportivas no projeto. Nosso intuito é transformar a favela de dentro pra fora.”

Segundo ele, as articulações no território são de suma importância para a ida dos jovens às primeiras competições: isso se torna um incentivo para que eles continuem a perseverar na realização dos sonhos. “Vamos nas associações, conseguimos os ônibus, pedimos a amigos que apadrinhem as crianças. Os pais começam a ver a importância do esporte na vida dos filhos e os reflexos na escola, em casa. As crianças e os jovens constroem uma identidade, se sentem acolhidos. A gente começa a criar redes.”

A ausência dos governos como principais financiadores e apoiadores ainda é profundamente sentida — políticas públicas voltadas ao esporte amador são fundamentais, além de um dever do Estado. “Se tivéssemos lazer, saúde, educação e esporte, não seriam necessárias ONGs e demais iniciativas. É nítida a falta de incentivo e de patrocínio; é mole comprar a ideia de alguém que já subiu na vida. E quem está na favela, vive os problemas e, mesmo assim, está tentando viabilizar seus sonhos?”



Lucas Santana e Lorraine da Silva contaram com incentivo de amigos e familiares para perseguir seus sonhos no esporte

Juntos pela primeira infância

Número de vagas em creche é ampliado por meio de parcerias

HÉLIO EUCLIDES

Buscar um local de confiança para deixar o filho pode ser uma missão complicada; além disso, contar com esse serviço perto de casa é importante especialmente para quem trabalha longe. Mas é essencial lembrar: o direito à creche não é das mães trabalhadoras, e sim das crianças. E são as creches conveniadas (que hoje usam a denominação *parceiras*) que, no passado, foram as primeiras a assegurar o direito da criança na Maré.

A Constituição Federal, em seu artigo 208, inciso IV, determina que o dever do Estado para com a educação da criança de 0 a 6 anos será efetivado mediante a garantia de atendimento em creches e pré-escolas, apontando o caráter educacional desses estabelecimentos. Hoje, a Maré conta com sete creches municipais e 14 Espaços de Desenvolvimento Social (EDIs). Para suprir a demanda do território, os moradores têm à disposição ainda nove creches parceiras, que são administradas por instituições, juntamente com a Prefeitura.

Entre elas, a de menor porte é a Creche Escola Octacílio Batista (CEOB) no Parque Maré, mas nem por isso deixa a desejar: tem instalações reformadas e prima pela limpeza. **Luciane dos Santos Silva** é a gestora do espaço, que conta com dez funcionários e trabalha há sete anos de forma particular — só este ano conseguiu essa parceria. Segundo ela, é preciso assinar um termo de contrato para o repasse de verba, com garantia do atendimento adequado à criança. O contrato é anual, com prestação bimestral de contas.

Cada escola parceira tem autonomia, mas é preciso que siga

MATHEUS AFFONSO



Luciane dos Santos Silva é a gestora da Creche Escola Octacílio Batista (CEOB), no Parque Maré, que é administrada junto à Prefeitura

o plano pedagógico municipal. “Isso faz com que andemos em conjunto com a Secretaria Municipal de Educação. Contudo, o nosso esforço é maior, pois também temos responsabilidade como sociedade civil”, avalia. Na parede próxima à sua mesa é possível ver o calendário oficial do ano letivo, seguido à risca pela creche. A gestora assegura que trabalhar em parceria é ótimo para a escola e para as famílias: o ensino gratuito alivia o orçamento doméstico (antes, cada criança pagava R\$ 450).

O que chama atenção é que, mesmo com a criação dos EDIs, as creches parceiras não perderam espaço. “A demanda de criancinhas é grande e a natalidade no território é alta. Nosso maior diferencial é ter uma pedagogia voltada para as crianças com deficiências, o Plano Educacional Individualizado (PEI). A Prefeitura ofereceu dois dias de palestras para ajudar na implantação desse método de inclusão”, conta Luciane. O PEI é elabora-

do pelo professor a partir de uma avaliação do aluno com necessidade educacional específica.

Este ano, a creche já trabalhou os temas reciclagem e meio ambiente, com a participação das mães e pais na coleta de matérias-primas. Mesmo em período de adaptação, a parceria já arrecadou elogios dos responsáveis: “Gosto bastante do trabalho desta creche. Depois das atividades desenvolvidas, meu filho de dois anos chega mais esperto em casa”, conta **Brenda Luiza**, moradora da Nova Holanda.

De mãe para filhas

Maria Euzinete, mais conhecida como Dona Nete, foi administradora da Creche Comunitária Sagrado Coração de Maria, no Parque Maré, por mais de duas décadas (trabalho que foi reconhecido com um prêmio oferecido por um jornal carioca). Afastada por problemas de saúde, ela deixou um legado em prol das crianças agora assumido por suas duas filhas, que mantêm o mesmo padrão de



MATHEUS AFFONSO

Creche Comunitária Sagrado Coração de Maria é mais uma das instituições que funciona em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro. A qualidade da creche e viram seu papel ser valorizado.

“A parceria com a Prefeitura só trouxe melhorias. Vivíamos de doações porque o valor repassado por criança era muito baixo — o aumento ocorreu há três anos. Vivemos outro mundo, com material e alimentação à vontade”, diz **Sueli de Melo**, uma das gestoras.

A creche funciona há 35 anos; ali trabalham 24 funcionárias, sendo cinco professoras, dez auxiliares de sala, três profissionais de cozinha e três de limpeza, duas gestoras e uma coordenadora pedagógica. A unidade escolar ainda conta com a parceria de uma nutricionista, que monta um cardápio balanceado para as crianças. “Isso é importante, pois sabemos de muitas não têm alimento em casa”, aponta Sueli.

Segundo ela, “a Maré tem à disposição EDIs e

creches municipais, mas muitas mães necessitam do nosso trabalho, que é renomado. Todo ano preenchemos o qualitativo de vagas e, mensalmente, recebemos visitas da supervisão da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) que sempre rendem à creche muitos elogios”.

Outra gestora do território também mostra o carinho do trabalho com a creche. À frente

do Centro Cultural Educar, **Irani Alves** administra o trabalho de cerca de 25 funcionários. Há cinco anos a creche é parceira da Prefeitura. “Só tivemos benefícios ao integrar a maior rede municipal de educação do Brasil. Essa parceria nos proporcionou não só cuidar das crianças da nossa comunidade, como também dar a elas o devido apoio pedagógico e nutricional”, diz a

gestora, empolgada. Com o trabalho das unidades parceiras, as mães compreendem que a creche é um lugar onde as crianças encontram aprendizagem, brincadeiras e socialização. “As professoras cuidam bem da minha filha, sempre há atividades”, diz **Raiana Macedo**, moradora do Morro do Timbau, mãe de uma menina de três anos matriculada na unidade.

Como ser parceira
A **Secretaria de Educação** explica que a parceria da Secretaria de Educação é feita com creches privadas sem fins lucrativos e comunitárias. Um chamamento público é divulgado no Diário Oficial do Município; as creches que tenham interesse em trabalhar com a Prefeitura apresentam os documentos exigidos e, depois de análise, é assinado um termo de colaboração, e a parceria é oficializada.

LISTA DAS NOVE CRECHES PARCEIRAS

- 📍 **Creche Aprendiz da Maré - Núcleo de Ação Comunitária e Desenvolvimento Social (Nacodes):** Rua Nilton Cordeiro, 19 - Parque União - Capacidade: 200 crianças
- 📍 **Creche Escola Mimi Filial:** Rua Roberto da Silveira, 81 - Parque União - Capacidade: 94 crianças
- 📍 **Creche Escola Mimi:** Rua João Araújo, 237 - Parque Rubens Vaz - Capacidade: 125 crianças
- 📍 **Espaço de Educação Infantil Vila do João:** Rua Cinco, s/nº - Vila do João - Capacidade: 217 crianças
- 📍 **Sociedade Tereza Cristina:** Rua Negrão de Lima, 21 e 21-a - Parque União - Capacidade: 210 crianças
- 📍 **Centro Cultural Educar:** Rua Nioac, 6 - Baixa do Sapateiro - Capacidade: 145 crianças
- 📍 **Instituto de Educação Euclides dos Santos:** Avenida Brigadeiro Trompowski, 220 - Parque União - Capacidade: 143 crianças
- 📍 **Creche Escola Octacílio Batista:** Rua Joaquim Nabuco, 75 - Parque Maré - Capacidade: 37 crianças
- 📍 **Creche Sagrado Coração de Maria:** Rua Carmela Dutra, 24 - Bonsucesso - Capacidade: 125 crianças



Eleições 2022: qual é o poder das redes sociais?

Com mais de 70% da população conectada, ferramentas digitais de socialização ganharam, no cenário eleitoral, importância ainda pouco mensurada

JORGE MELO

No Brasil, mais de **150 milhões** de pessoas utilizam redes sociais, o que representa 70,3% da população. Segundo dados de 2020 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), 147.918.483 brasileiros estão aptos a votar. Ou seja, o número de usuários das redes sociais e de eleitores no país é praticamente o mesmo.

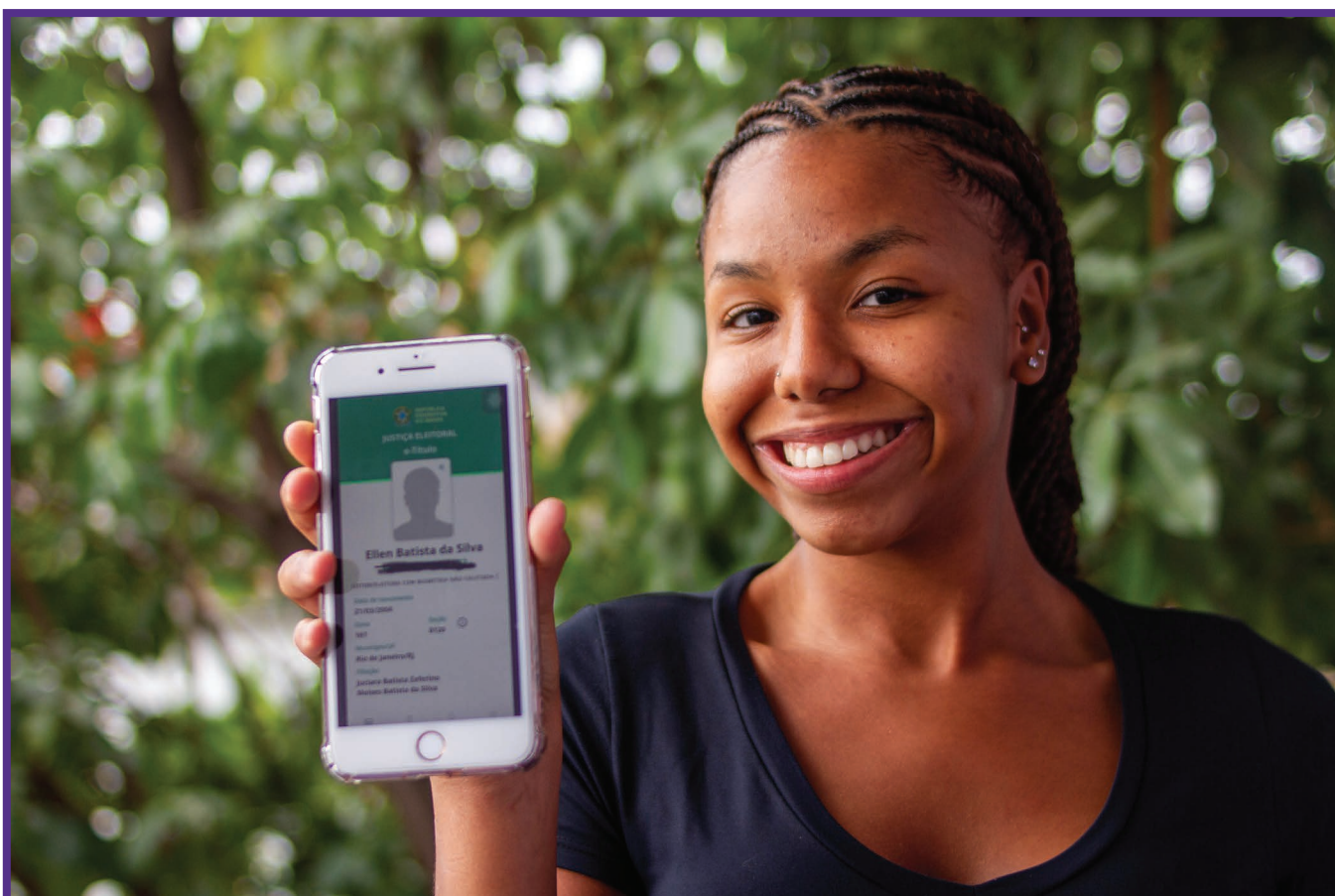
“As redes sociais começaram a exercer uma governança privada sobre a deliberação pública e sobre a liberdade de expressão. Não é mais apenas o Estado que realiza esse papel”, analisa **Juliana Fonteles**, pesquisadora do Núcleo de Direito, Internet e Sociedade da Universidade de São Paulo (USP). Há um longo caminho a ser percorrido até compreendermos o real impacto das plataformas digitais na democracia brasileira.

Redes sociais e fake news

Em 2018, as redes sociais foram largamente usadas, definindo um novo momento nas campanhas eleitorais, segundo políticos, jornalistas, publicitários, cientistas políticos e pesquisadores. E o que chamou atenção foi o grande número de *fake news* — informações falsas que procuravam atingir candidatas.

O uso de mentiras no processo eleitoral não é

GABI LINO



Ellen Batista afirma que já foi vítima de fake news, mas agora sempre busca a fonte da informação que acessa e não passa mais esse perrengue

uma novidade, mas a maneira como foram propagadas — via dispositivos capazes de disparos massivos de mensagens — teve resultados preocupantes. Segundo a advogada **Samara Maria de Castro**, vice-presidente da Comissão de Proteção de Dados e Privacidade da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ), as eleições de 2018 foram marcadas pelo uso intenso das redes sociais, mas esse fenômeno não teve início naquele ano e, sim, ainda em 2014.

Samara afirma que o fato de a TV e o rádio desempenharem parte importante (e bem regulamentada) na estratégia dos partidos fez com que a internet representasse um campo livre. “O que mudou não tem a ver com o uso das redes sociais e

sim, com o fato de, com elas, o processo de desinformação se torna mais eficiente. O uso das bases de dados, identificando as características dos indivíduos, torna mais fácil conduzi-los a opiniões específicas”, explica.

E o que é base de dados? Ela é o conjunto de informações sobre seus usuários que cada rede social acumula quando é usada, na forma de comentários, conversas privadas, buscas, perfis visitados, publicações que o usuário curtiu etc. Com esses dados é possível estabelecer perfis detalhados. Os disparos de mensagens são direcionados para grupos específicos, com elementos que podem sensibilizá-los. Ou seja, milhares de pessoas são alcançadas e, em grande número, vão

acabar por reproduzir a desinformação.

Busca pela verdade

Raniery Soares, 25 anos, mora no Parque Maré, estuda Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e utiliza redes sociais desde 2011. Ele participa de vários grupos de estudo e ativismo e lembra que, desde 2014, as *fake news* circulam: “Nunca fui vítima de nenhuma, no sentido de compartilhar mentiras. Já acreditei brevemente em notícias falsas, porém sempre investiguei a veracidade das informações.” Ele alerta os amigos quando reproduzem desinformação e as denuncia.

Um estudo desenvolvido na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) lista alguns cui-

dados que devem ser tomados:

1. Descobrir quem é a fonte da informação;
2. Pesquisar sobre o assunto em plataformas de busca;
3. Identificar o público-alvo do conteúdo e observar o propósito da publicação, pois, para que sejam compartilhadas, as *fake news* buscam manipular e provocar sentimentos de indignação e raiva.

Ellen Batista da Silva aprendeu da forma mais difícil (“Já fui vítima de *fake news*, inclusive repassei e uma pessoa me alertou.”), e garante que não esquece a lição: “Sempre vejo a fonte da notícia na internet”. Aos 18 anos, ela mora na Nova Holanda, e participa do programa Jovem Aprendiz, que auxilia jovens, de 14 a 24 anos, na busca pelo primeiro emprego. Recorreu às redes sociais para obter informações sobre candidatos e ouviu também as opiniões de familiares e amigos. Segundo a estudante, “são pessoas que, como eu, têm acesso à informação, mas mantêm opinião própria”.

Ellen usa WhatsApp, Twitter e Instagram, mas não é assídua. Participa de grupos mas nenhum de política (“Não interajo muito.”). Ela se preocupa, no entanto, com a possibilidade de as *fake news* influenciarem a eleição. “A partir do momento em que você é manipulado, corre o risco de colocar o poder nas mãos de alguém que tem opiniões contrárias às suas”, pon-

dera a jovem.

Transparência

A falta de transparência das plataformas — principalmente dos aplicativos de mensagem, onde é mais difícil acompanhar a circulação de conteúdo — é uma das principais preocupações. Segundo Samara de Castro, “uma questão fundamental a qual as plataformas têm se negado a colaborar é abrir espaço para pesquisadores. O essencial é que elas permitam que pesquisadores escrutinem sua capacidades de serem ou não transparentes e, a partir disso, se comprometam a melhorar”, analisa a advogada.

Raniery está preocupado com a eleição de 2022. Ele usa as redes sociais para acompanhar os candidatos e admite que elas influenciam suas escolhas políticas: “Essa eleição de 2022 será a mais importante da história do país, é a decisão entre o medo e a barbárie.”

Segundo a pesquisadora Juliana Fonteles, os aplicativos tomaram medidas para reduzir a desinformação. “Twitter, YouTube, Kwai, Instagram e Facebook proíbem conteúdo desinformativo a respeito da participação no pleito como, por exemplo, data e local de votação ou como votar. O Twitter instituiu uma central de informações sobre eleições e um novo mecanismo de denúncia de desinformação sobre eleições no Brasil pelos próprios usuários. Isso não existia antes”, afirma.

O TSE aprovou uma re-

solução que proíbe a divulgação de inverdades ou dados descontextualizados que atinjam os processos de votação, apuração e totalização de votos. Estão proibidos também disparos em massa de mensagens em aplicativos como WhatsApp e Telegram para pessoas que não se inscreveram para recebê-las.

Samara considera que essas medidas representam um avanço, mas não atacam o problema em si. “O TSE e os partidos compreenderam o processo de 2018 de forma equivocada. Por exemplo, o WhatsApp não funcionou com disparos para uma base enorme de usuários com uma mensagem certa, que transformava todos os pensamentos de uma pessoa. Não é assim que funciona.”

Ela afirma que o fenômeno da desinformação é sutil. “O WhatsApp funciona como uma rede social fechada e também como um canal de troca de informações. Sendo assim, em 2018, usando-se da liberdade de expressão, mensagens construíram narrativas, mas os disparos só reforçaram uma concepção que já estava consolidada. Por isso, eu acredito que o importante é barrar essas narrativas. A incompreensão desse fenômeno fez com o que a gente atacasse a tecnologia, esquecendo a proteção de dados.”

Meio digital unido pelo real

Em fevereiro deste ano, o TSE firmou acordos com

oito plataformas digitais para combater as *fake news*: Twitter, WhatsApp, Tik Tok, Facebook, Google, Instagram, YouTube e Kwai se comprometeram a colaborar com o tribunal. Presidente do TSE, o ministro Edson Fachin afirmou, categoricamente, que “nosso objetivo é desenvolver ações para coibir e também neutralizar a disseminação de notícias falsas nas redes sociais durante as eleições deste ano”.

O Telegram, porém, não aderiu ao acordo. Criado em 2013, o aplicativo russo tem mais de 200 milhões de usuários. No dia 18 de março, o ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Alexandre de Moraes, ordenou o bloqueio do Telegram por desrespeitar inúmeras decisões judiciais — a medida foi suspensa dois dias depois, quando o Telegram aceitou monitorar os cem canais mais populares do Brasil e restringir postagens públicas de para usuários banidos por espalhar desinformação.

Samara avalia que “a falta de diagnóstico correto do que nos aconteceu nos últimos anos nos levou a essas conclusões — muitas delas, em minha opinião, equivocadas. Mas as medidas tomadas pelo TSE talvez sejam suficientes para garantir um processo eleitoral seguro e íntegro. Podem não ser a melhor composição jurídica, mas tenho certeza de que são importantes para garantir que nosso sistema sobreviva”.

